

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE VETERINÁRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO EM MEDICINA VETERINÁRIA**

PRINCIPAIS CAUSAS DE ABANDONO DE GATOS

Kirian Renata Franck

Porto Alegre

2019/2

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE VETERINÁRIA**

PRINCIPAIS CAUSAS DE ABANDONO DE GATOS

Autor: Kirian Renata Franck

Trabalho apresentado à Faculdade de Veterinária como requisito parcial para obtenção da graduação em Medicina Veterinária.

Orientadora: Fernanda Vieira Amorim da Costa

Coorientadora: Juliane Elisabeth Gress Paz

Porto Alegre

2019/2

Kirian Renata Franck

PRINCIPAIS CAUSAS DE ABANDONO DE GATOS

Aprovado em:

APROVADO POR:

Fernanda Vieira Amorim da Costa
Orientadora

Juliane Elisabeth Gress Paz
Coorientadora

Raquel Redaeli
Membro da Comissão

Elissandra da Silveira
Membro da Comissão

AGRADECIMENTOS

Junto com este trabalho, chega ao fim uma jornada de desafios que jamais achei que seria capaz de superar. Porém, foi um caminho acompanhado de pessoas muito importantes e cada uma delas teve um papel especial para minha formação profissional (e pessoal).

Primeiramente, agradeço à minha família, que me apoiou desde o início e vibrou junto comigo cada realização e me ajudou a superar cada derrota. Obrigada pai e mãe por investir, acreditar e compreender a minha decisão de sair de casa para lutar pelo meu maior sonho, mesmo que isso tenha custado minha ausência em alguns momentos. À minha irmã, Kimberly, obrigada por cuidar da família nos momentos que não pude me fazer presente, por me dar forças para seguir em frente e ser o maior motivo para eu fazer o meu melhor. Um agradecimento especial a minha avó Ada, *ich liebe dich*.

Agradeço também, aos meus amigos, que são minha família longe de casa. Obrigada pelas memórias e por me acolher, vocês foram fator determinante para que eu tivesse forças para continuar nessa loucura que é a graduação. Em especial, Gabriela Coelho, Milka, Arthur e Brenda. Ao meu melhor amigo Felipe, por nunca sair do meu lado e se fazer presente em todas as etapas desta trajetória.

Um muito obrigada à todos os profissionais que fizeram parte da minha formação, por me darem a chance de aprender e por terem paciência em ensinar. Agradeço à minha orientadora por exigir o melhor de mim, me guiar nas minhas escolhas e sempre me receber de portas abertas no setor de felinos do HCV. À minha coorientadora por aceitar o desafio de me auxiliar neste trabalho, sempre muito paciente, e por ser também uma das maiores motivadoras durante esse processo, muito obrigada! Agradeço também, à Gabriela Schaefer por todos os ensinamentos, por acreditar em mim e me ouvir, você é sem dúvidas uma das minhas maiores inspirações como pessoa e profissional. À minha colega e amiga, Mariana Mancuso, que me ouviu nos momentos de tensão, me auxiliou e se fez presente mesmo à distância.

Por último e não menos importante, agradeço aos meus gatos Homer e Lexie que são minha maior inspiração para buscar a formação nesta profissão linda que é a Medicina Veterinária. Este trabalho é dedicado à todos os gatos, visando o bem estar destes animais baseado numa melhor compreensão do seu comportamento.

RESUMO

Os gatos tem ganhado cada vez mais espaço como animal de companhia nos lares humanos, entretanto, o abandono destes animais é também um fenômeno crescente, sendo considerado um importante problema de saúde pública e de bem estar animal. Problemas de comportamento, incluindo o comportamento normal do gato que os tutores consideram inaceitáveis, são as causas mais comuns de abandono e eutanásia e, destes, os mais relatados são: a agressividade, eliminação em local inapropriado, arranhadura em móveis e vocalização excessiva. Considerando que grande parte dos tutores não têm conhecimentos suficientes sobre a espécie, ou que ainda nutrem expectativas irreais em relação ao animal, a compreensão do comportamento natural felino pode ser fator imprescindível para melhorar a relação entre tutor e gato. Questões pessoais como acontecimentos ou mudanças na vida dos tutores também parecem exercer influência na decisão de abandonar o animal. A compreensão destes fatores auxilia na criação de medidas eficazes que visam instruir a população a considerar também os fatores pessoais no momento da adoção de um animal. O objetivo desta revisão de literatura é discutir as principais causas de abandono de gatos, abordando os principais distúrbios de comportamento e as questões pessoais dos tutores associadas a este problema.

Palavras-chave: distúrbios de comportamento, relação humano-animal, etologia, felinos

ABSTRACT

Cats have gained more and more space as a companion animal in human homes, however, the relinquishment of these animals is also a growing phenomenon and is considered a major public health and animal welfare problem. Behavioral problems, including normal cat behavior that tutors consider unacceptable, are the most common causes of relinquishment and euthanasia, and the most related of these are: aggressiveness, inappropriate elimination, scratch furniture and excessive vocalization. Considering that most of the owners do not have enough knowledge about the species, or have unrealistic expectations about the animal, understanding the natural feline behavior can be an essential factor to improve the relationship between tutor and cat. Personal issues such as events or changes in the life of the guardians influence the decision to relinquish the animal. Understanding these factors helps in the creation of effective measures that aim to instruct the population to consider personal factors when adopting an animal. The aim of this literature review is to discuss the main causes of cat abandonment, addressing the main behavioral disorders and personal issues of guardians associated with this problem.

Keywords: *behaviour problems, human-animal relationship, etology, felines*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Posturas corporais que transmitem medo ou agressividade em gatos.....	14
Figura 2	Sinais faciais de acordo com o nível de medo ou agressividade em gatos.....	14
Figura 3	Felino bloqueando intencionalmente o acesso de outro gato a recursos importantes.....	17

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	10
2.1	Histórico da relação humano-felino.....	10
2.2	Direitos dos animais.....	10
2.3	Perfil dos animais abandonados.....	11
2.4	Principais problemas de comportamento relacionados ao abandono.....	13
2.4.1	Agressividade.....	14
2.4.2	Eliminação em local inapropriado.....	17
2.4.3	Arranhadura de móveis.....	19
2.4.4	Vocalização excessiva.....	20
2.5	Principais questões dos tutores relacionadas a abandono.....	21
2.5.1	Perfil dos tutores.....	22
2.5.2	Motivos para abandono.....	22
3	CONCLUSÃO.....	25
	REFERÊNCIAS.....	26

1 INTRODUÇÃO

A interação entre o homem e os animais de companhia está entre as mais intensas relações interespecíficas já observadas. Através da convivência com o ser humano ao longo de milhares de anos, formou-se uma relação muito próxima, a qual se reconhece atualmente como vinculação social, ou apego, entre animais e humanos (MACHADO; SANT'ANNA, 2017). Porém, apesar da interação positiva e a criação de laços afetivos criados com os humanos, os animais estão expostos ao risco de serem abandonados pelas mais diversas razões.

O abandono de cães e gatos é um fenômeno crescente e global, bem como um importante problema de saúde pública e de bem estar animal, podendo ser ainda relacionado ao grau de desenvolvimento dos países. Os problemas de saúde pública envolvem mais de cem zoonoses transmitidas por estes animais, danos e contaminação ambiental, acidentes de trânsito, agressões a seres humanos, prejuízos ao próprio bem-estar animal (mortes ou sofrimento por atropelamentos), poluição sonora, problemas entre vizinhos, entre outros (CARDOSO, 2013)

Vários estudos relatam que o desenvolvimento dos problemas de comportamento são uma das principais causas de abandono, destacando-se agressividade, arranhadura, eliminação inapropriada e vocalização excessiva como as razões mais frequentes (SALMAN et al., 1998; OVERALL et al., 2005; FATJÓ et al., 2006; SOUZA-DANTAS et al., 2009; PAZ; MACHADO; COSTA, 2017; AMAT; MANTECA, 2019). Segundo Overall et al. (2005), distúrbios comportamentais diminuem a qualidade de vida dos gatos e de seus tutores, ocasionando frequentemente estresse familiar, punição inadequada e destruição do vínculo entre os tutores e seus animais de estimação.

Além dos problemas de comportamento, segundo estudo realizado por Scarlett et al. (1999), problemas de saúde e questões pessoais dos tutores foram as razões mais citadas como motivação para abandonar o animal, sendo alergia de um membro da família ocasionada pelo gato, problemas pessoais e nascimento de um novo bebê na família as mais relatadas. Outros fatores associados ao abandono são férias dos tutores, doenças graves e dispendiosas dos animais, doença ou morte do tutor, excesso de animais, divórcio de conjugue, problemas financeiros e condomínios que não permitem animais (SALMAN et al., 1998; NEW et al., 1999; CARDOSO, 2013).

O abandono também está relacionado com uma falha ao considerar as necessidades do gato, a experiência prévia, e as expectativas irreais dos tutores em relação à espécie (NEW et al., 2000). Dessa maneira, o aconselhamento no momento da adoção (quando possível), pode persuadir com sucesso algumas pessoas a adiar a aquisição de um animal até que seja mais

apropriado ou pode desencorajar outros de adquirir um animal que não é compatível com seu estilo de vida (SCARLETT et al., 1999).

Com o crescente aumento da população felina, torna-se essencial para o veterinário ter conhecimento sobre o comportamento da espécie e, dessa maneira, orientar corretamente o tutor sobre as necessidades básicas do gato, além de diferenciar o problema comportamental do comportamento normal felino (OVERALL et al., 2005; SEKSEL, 2015). Consequentemente, possibilita-se uma melhor convivência entre tutores e seus gatos, bem como menores chances de abandono.

O objetivo deste trabalho é realizar uma revisão de literatura sobre as causas de abandono de gatos, abrangendo os principais distúrbios de comportamento relacionados com o problema, o perfil dos animais abandonados e as questões pessoais dos tutores que os levam a rejeitar seu animal.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Histórico da relação humano-felino

Indícios apontam que os gatos começaram a viver entre os seres humanos quando a agricultura teve início no Crescente Fértil há aproximadamente 10.000 anos (RODAN, 2015). À medida que pequenas populações humanas nômades começaram a se reunir em pequenas povoações com cultivo agrícola, os felinos que caçavam roedores, atraídos pelos grãos estocados, começaram a se aproximar. Desta maneira, felinos e humanos iniciaram uma espécie de troca de serviços, na qual os gatos afastavam e consumiam os roedores e, em troca, recebiam proteção e abrigo por parte dos humanos (CARDOSO, 2013).

As atitudes humanas em relação aos gatos têm variado drasticamente ao longo da história, desde alta veneração no antigo Egito, ao ódio generalizado e perseguição em grande parte da Europa depois da Idade Média (ATKINSON, 2018). Porém, no fim dos anos 1800, o interesse no desenvolvimento de novas raças e exposições de gatos passou a ser do interesse da classe média em ascensão. Durante o século 20, os gatos tornaram-se ainda mais apreciados, com frequência levando vida longa e confortável (RODAN, 2015). Atualmente, o estilo de vida do gato moderno tende a se enquadrar em uma das quatro categorias: (1) “vida selvagem”, independente, totalmente ignorado pelas pessoas; (2) vida livre e interdependente ou sem dono, com dependência de humanos limitada à alimentação; (3) domesticado, interdependente e de vida livre, como animais de estimação abandonados; e (4) domesticado (BEAVER, 2003).

A relação mutuamente benéfica entre os seres humanos e os gatos tornou desnecessária a seleção genética sofrida por outras espécies, dessa maneira, eles mantiveram muitos aspectos de seus antecessores selvagens. Este fator pode trazer algumas consequências indesejáveis para tutores, uma vez que muitos dos considerados problemas comportamentais são, na verdade, comportamentos naturais dos felinos (OVERALL, 2005).

2.2 Direitos dos animais

Na “Declaração dos Direitos dos Animais”, elaborada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), o abandono de animais é considerado “um ato cruel e degradante” (ALVES et al., 2013).

Segundo Alves et al. (2013), a maior parte dos países da América Latina possui leis de proteção animal, sendo o abandono de animais classificado como maus tratos por algumas delas, ou como ato cruel e degradante para outras. No Brasil, de acordo com a Lei Federal 9.605

de 1998, o abandono é considerado crime de maus tratos e deve ser denunciado, sendo a pena de detenção de três meses a um ano, aumentada em caso de morte do animal (BRASIL, 1998). Em Porto Alegre, seguindo os moldes da Lei Federal que considera o abandono crime de maus tratos, existe a Lei Municipal 694/2012, que determina a legislação sobre criação, comércio, exibição, circulação e políticas de proteção de animais domésticos (PORTO ALEGRE, 2012).

2.3 Perfil dos animais abandonados

Definir as características do animal - que potencializam ou reduzem o risco de serem abandonados pelos seus tutores - é um passo importante para determinar abordagens que irão minimizar este cenário (SALMAN et al., 1998). Neste caso, dados referentes à idade, gênero, raça, castração e comportamento do animal são questões importantes a se considerar. Quando possível, deve-se também investigar os cuidados do tutor para com o animal (frequência de visitas veterinárias, alojamento/ acesso à rua), a fonte e preço pelos quais o obteve, e por quanto tempo conviveram (SCARLETT et al., 1999).

A maioria dos animais abandonados tem em média cinco meses a três anos de idade, este dado está de acordo com o fato de que quanto mais velho o animal, menores as chances do tutor desistir da guarda; dessa maneira, gatos mais jovens são mais predispostos ao abandono (PATRONEK et al., 1996; SALMAN et al., 1998; SCARLETT et al., 1999; NEW et al., 1999; CASEY et al., 2009; D'ANDRETTA, 2012).

Filhotes apresentam comportamentos naturais relativos à idade que não estão dentro das expectativas dos tutores, exigindo mais tempo e atenção; dessa maneira, tutores despreparados acabam desistindo de educar seus animais e acabam os abandonando (D'ANDRETTA, 2012). É também neste período (entre nove e 12 meses para o macho, e quinto e nono mês para a fêmea) que os gatos atingem a maturidade sexual, iniciando determinados comportamentos que podem não agradar aos tutores (LANDSBERG; LEY, 2015).

Porém, vale ressaltar que gatos adultos podem desenvolver relações ruins uns com os outros com mais facilidade do que quando filhotes, contribuindo para a insatisfação do tutor e aumentando o risco de abandono (RODAN; SPARKES, 2015). Em alguns estudos, observou-se que os machos representavam a maior parcela de animais abandonados, sendo ainda mais frequente o abandono de gatos inteiros (PATRONEK et al., 1996; D'ANDRETTA, 2012; CARDOSO, 2013). Este fato pode estar relacionado com alguns comportamentos que são mais proeminentes no macho não castrado, como por exemplo, as marcações de território (ato de se esfregar em objetos, marcação com urina em *spray*), e a agressão entre machos (seja por

competição sexual ou pela defesa do território) (SEKSEL, 2015; PAIXÃO; MACHADO, 2015).

No caso de animais não castrados, é comum que, se tiverem acesso à rua, saiam à noite a procura de fêmeas para copular, fato que não é bem aceito pelos tutores ou por seus vizinhos (PAIXÃO; MACHADO, 2015).

Porém, as fêmeas são citadas com maior prevalência por alguns autores (SALMAN et al., 1998; NEW et al., 1999; SCARLETT et al., 1999; CASEY et al., 2009). Embora o comportamento de marcação seja comum no início da maturidade sexual do macho, sendo mais frequente que nas fêmeas, estas também podem marcar quando estão no estro (CALIXTO; JUSTEN, 2007). O período do estro também é acompanhado por um aumento na vocalização, e isto pode ser demasiadamente desagradável para os tutores (LEY; SEKSEL, 2015). Outro fator importante é que as fêmeas não castradas podem vir a engravidar, e desta maneira, uma ninhada indesejada pelo tutor pode ser um fator determinante para abandonar tanto a mãe, quanto os filhotes (SALMAN et al., 1998; SCARLETT et al., 1999). A castração é muito importante neste contexto, uma vez que evita ninhadas indesejadas, mas também previne a ocorrência da agressão materna (AMAT; MANTECA 2019). Embora a castração possa ajudar a controlar este comportamento, alguns estudos relatam que as fêmeas castradas também podem ser violentas, sendo comumente relatadas como mais agressivas que os machos (AMAT et al., 2009). Este achado pode justificar o porque as fêmeas estão sendo abandonadas em maior porcentagem do que os machos em alguns estudos.

Os gatos doados por amigos - em forma de presente ou como “favor” - são abandonados em maior número do que os obtidos em abrigos (SALMAN et al., 1998; NEW et al., 1999; SCARLETT et al., 1999). Sendo assim, a aquisição não corresponde a uma atitude por vontade própria, pois não leva em conta se o tutor realmente está apto a arcar com todas as necessidades que envolvem os cuidados e bem estar do animal.

Do mesmo modo, animais obtidos sem custo ou com pouco esforço correm maior risco de abandono, e os autores acreditam que isto ocorra pois alguns tutores acabam desenvolvendo um nível mais baixo de apego e de compromisso em relação ao animal (PATRONEK et al., 1996; NEW et al., 2000). Estes achados justificam também porque gatos sem raça definida são mais abandonados que os gatos de raça (SALMAN et al., 1998; NEW et al., 1999; D'ANDRETTA, 2012; CARDOSO, 2013).

A personalidade do animal também interfere, uma vez que gatos que dão mais trabalho que o esperado, e os que não se inserem nas expectativas do tutor, são os mais abandonados (SCARLETT et al., 1999). Por exemplo, gatos muito assustados tem maior dificuldade de ter

uma relação amigável com outros gatos (PAZ; MACHADO; COSTA, 2017). Além disso, Patronek et al. (1996) ressalta que muitos tutores criam expectativas em relação ao papel que o gato irá exercer na família e, dessa maneira, a personalidade do animal pode não ser atraente para o seu tutor.

Salmann et al. (1998) adiciona que gatos com acesso à rua correm mais risco de serem abandonados. O acesso à rua corrobora com o aumento de disseminação de doenças e com alguns comportamentos agressivos, o que pode incomodar o tutor (PATRONEK et al.; 1996). Diferente disto, o fato do animal poder permanecer dentro de casa aumenta o convívio com a família, desenvolvendo um laço afetivo mais intenso entre o tutor e o animal, assim, protegendo-o do abandono (PATRONEK et al., 1996; D'ANDRETTA, 2012).

Além destes fatores, distúrbios comportamentais são citados como as principais causas de abandono em diversos estudos (SALMAN et al., 1998; OVERALL et al., 2005; FATJÓ et al., 2006; SOUZA-DANTAS et al., 2009; PAZ; MACHADO; COSTA, 2017; AMAT; MANTECA, 2019).

2.4 Principais problemas de comportamento relacionados ao abandono

O comportamento apresentado por um gato é o resultado da inter-relação entre predisposição genética, o que o gato aprendeu de experiências passadas e o meio atual em que ele se encontra. Além disso, os gatos já nascem com os padrões de comportamento para alimentação, caça, autolimpeza, marcação de território e reprodução, ou seja, eles são instintivos (LEY; SEKSEL, 2015).

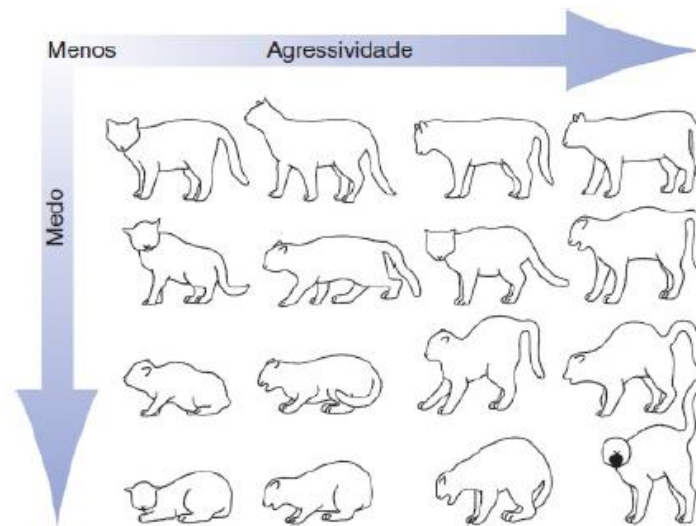
Não somente desordens comportamentais, mas também comportamentos normais são causas de eutanásia e abandono de gatos saudáveis (SOUZA-DANTAS et al., 2009). Segundo Seksel (2015), classificam-se como comportamentos problemáticos aqueles que são parte do comportamento normal de um gato, mas são considerados inaceitáveis pelo tutor. Já os problemas comportamentais são resultado da má adaptação do gato, podendo ser comportamentos normais (mas excessivos em duração ou intensidade) ou comportamentos anormais (questões de saúde devem ser consideradas).

Quando surgem problemas de comportamento, a culpa é frequentemente colocada no animal, porém o tutor também tem a responsabilidade em fazer o melhor possível para evitar o desenvolvimento de possíveis desordens (ATKINSON, 2018). Portanto, é importante ter uma compreensão da estrutura social felina e dos sistemas de comunicação como ferramentas para a manutenção de uma sociedade felina eficaz (BOWEN; HEATH, 2005).

2.4.1 Agressividade

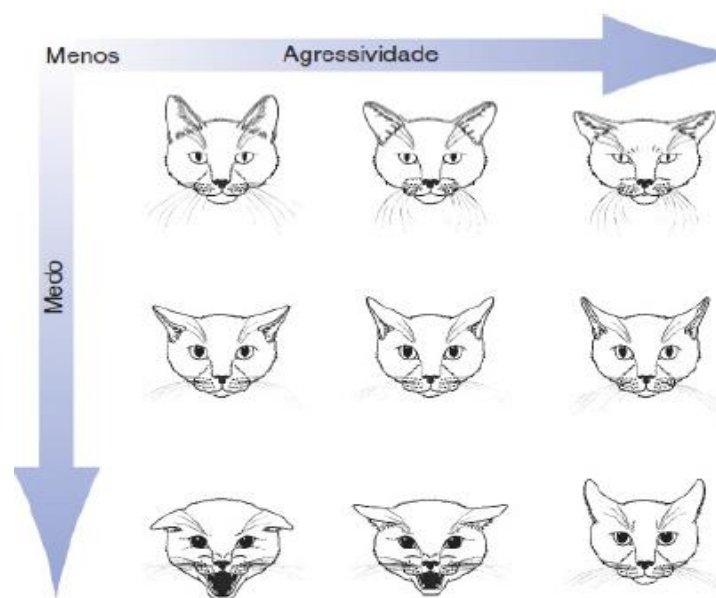
A agressão é caracterizada por uma ameaça ou ação prejudicial direcionada a outro indivíduo e pode ser demonstrada através de vocalizações específicas, posturas corporais (Figura 1), expressões faciais (Figura 2) e ataques característicos (RAMOS, 2019).

Figura 1: Posturas corporais que transmitem medo ou agressividade em gatos.



Fonte: RODAN, 2015

Figura 2: Sinais faciais de acordo com o nível de medo ou agressividade em gatos.



Fonte: RODAN, 2015

Em geral, o gato prefere evitar um confronto do que participar dele e, dessa maneira, tentará inicialmente exibir sinais de aviso (dilatara pupila, emitir silvos, cuspir, rosnar, eriçar o pelo, aplinar as orelhas ou adotar a posição corporal baixa ou agachada). Normalmente, o gato tentará fugir, porém se for impedido, poderá reagir agressivamente, atacando. Dessa maneira, a agressão acaba por ser o último recurso, porém, geralmente é muito violenta (SEKSEL, 2015).

A caracterização do tipo de agressão pode ser obtida através de uma descrição detalhada do comportamento do gato por parte do tutor e da observação do gato em seu ambiente (AMAT; MANTECA, 2019). Existem diversas classificações para o comportamento agressivo e, segundo Beaver (2003), podemos dividir a agressão em três tipos: agressão por dominância (competitiva), agressão intraespecífica (entre gatos) e agressão interespecífica/agressão social.

Alguns estudos indicam que a maior parte dos casos de agressividade é voltada contra pessoas (FATJÓ et al., 2006; PAZ; MACHADO; COSTA, 2017). Entretanto, Amat et al. (2009) e Ramos (2019) encontraram maior porcentagem de agressividade intraespecífica. Uma possibilidade para essa discrepância é que os tutores que participaram do estudo citado tinham apenas um gato na residência, e este fato pode ter superestimado os casos de agressividade contra pessoas (PAZ; MACHADO; COSTA, 2017). Segundo Amat e Manteca (2019) gatos obtidos em lojas de animais, não socializados adequadamente com as pessoas e desmamados precocemente parecem ser mais propensos a apresentar problemas de agressividade.

Alguns trabalhos relatam a agressividade como o distúrbio mais citado pelos tutores em suas queixas sobre o comportamento de seus gatos (AMAT et al., 2009; RAMOS, 2019). Além disso, em estudo realizado por Souza-Dantas et al. (2009), a agressividade foi a razão mais prevalente para o abandono, chegando a 40,2%.

Embora alguns estudos relacionem este comportamento à genética do animal, a ausência de socialização e a ausência de contato físico com pessoas antes de 12 semanas de idade, ou, uma experiência traumática prévia são as principais causas de agressão relacionada a medo. Além disso, experiências negativas, como punição física ou manipulação desagradável, podem ser fatores que colaborem para o animal desenvolver trauma e comportamento agressivo consequente (AMAT; MANTECA 2019).

A agressividade pode ainda ser um comportamento felino normal, associado ao comportamento predatório, comum de ocorrer durante brincadeiras exuberantes entre animais afiliados ou tutores, dessa maneira, é considerada uma parte legítima da comunicação felina. Neste tipo de situação, o gato pode espreitar, caçar, atacar e deitar-se à espera de pessoas enquanto brinca, porém raramente vocaliza (SEKSEL, 2015; RAMOS, 2019).

A dor é o segundo motivo mais comum de agressividade em gatos e, dessa maneira, um exame físico inicial deve ser feito para eliminar qualquer problema clínico subjacente (RODAN, 2015). Além disso, diversas doenças (incluindo toxoplasmose, problemas vasculares isquêmicos, hepatoencefalopatia, encefalite, meningioma, envenenamento por chumbo, artrite, *déficits* sensoriais auditivo e visual, hipertireoidismo, epilepsia, doença do trato urinário inferior, infecção pelo vírus da imunodeficiência felina, raiva), bem como o uso de medicações como agentes anestésicos e corticosteroides, são associados a agressão, sendo imprescindível a realização de um exame clínico completo (SEKSEL, 2015).

A agressão redirecionada ocorre quando o alvo original não está acessível e o gato direciona sua agressão para um alvo não relacionado (essa vítima poderia ser outro gato com o qual não havia problemas anteriores ou um membro da família) sendo também chamada de agressão por frustração. O diagnóstico pode ser difícil, uma vez que a relação entre episódios agressivos e estímulos primários pode não ser óbvio (OVERALL, 2005; SEKSEL, 2015). O acesso à rua pode ser um fator contribuinte para este comportamento, onde o gato é exposto a conflitos externos e retorna para casa mais violento. Além disso, barulhos altos, visualização de gatos intrusos, mudanças no cheiro (hospitalização, consultas ao veterinário, doenças, banhos) são fatores que estimulam este comportamento (RAMOS, 2019). Porém, gatos domiciliados são mais propensos a exibir este comportamento quando comparados a gatos que tem acesso à rua. Isto pode ser explicado uma vez que os gatos domiciliados tem menos oportunidades de escapar quando se sentem ameaçados (AMAT et al, 2009).

Relatos envolvendo agressão induzida por carinho são muito comuns. Isto acontece pois alguns gatos apresentam tolerância muito baixa ao serem acariciados ou tocados, mesmo quando procuram por atenção (SEKSEL, 2015). Embora os ataques sejam geralmente descritos como imprevisíveis, os gatos podem mostrar mudanças sutis na linguagem corporal antes da reação agressiva (podem ficar tensos, virar e achatam as orelhas e/ou chicotear a cauda) (AMAT; MANTECA, 2019). Algumas teorias para esse comportamento incluem uma superestimulação do gato (seguida por sinais sutis para parar, que podem não ser reconhecidos pelas pessoas); a tentativa, por parte do gato, de controlar a situação, decidindo quando o carinho deve terminar; e ainda, que a intensidade do carinho deferido pelo humano não é compatível com a que o gato tolera (BAIN; STELOW, 2014).

Uma das maiores queixas em relação a agressão, é o comportamento agressivo direcionado de gato para gato. Este fator está relacionado com o aumento da densidade de casas multigatos, onde encontramos a formação de grupos de gatos altamente heterogêneos em ambientes com o espaço muito limitado (AMAT et al., 2009). Nem sempre é necessário intervir,

mas deve-se prestar atenção quando estas interações agressivas resultam em ferimentos. E ainda, quando a vítima está sofrendo olhares ofensivos e/ou sendo impedida de acessar algum recurso na casa (Figura 3). Estes sinais podem passar despercebidos pelos tutores, porém também são comportamentos intimidadores (RAMOS, 2019). Desta maneira, para um correto diagnóstico e tratamento, é necessário entender a motivação emocional e as circunstâncias que estão levando o animal a demonstrar este comportamento (BEAVER, 2003).

Figura 3: Felino bloqueando intencionalmente o acesso de outro gato a recursos importantes



Fonte: ATKINSON, 2018

A agressão entre machos envolve alterações hormonais associadas à maturidade sexual, e pode ser mais acentuada durante a estação de cruza (SEKSEL, 2015). Quando se trata de agressão por território, esta pode ser deferida em humanos, outros gatos e animais de outra espécie, com o intuito de proteger o território contra intrusos. Um exemplo seria o ataque a um hóspede pouco frequente ou a um gato novo sendo introduzido no ambiente (BEAVER, 2003).

Por fim, quando não se encontra a origem deste comportamento, podemos classifica-lo como agressão idiopática. Esta é caracterizada por alterações súbitas de humor e episódios agressivos sem motivo claro. É rara, e pode indicar atividade convulsiva (SEKSEL, 2015).

2.4.2 Eliminação em local inapropriado

O problema de eliminação é o transtorno comportamental mais relatado em gatos (BEAVER, 2003; FATJÓ et al., 2006; CALIXTO; JUSTEN, 2007; SOUZA-DANTAS et al., 2009; BARCELOS et al., 2018; HEATH 2019). Segundo Seksel (2015), é um comportamento visto tanto em machos quanto em fêmeas, castrados ou não, em todas as raças e em todos os

grupos etários. Desta maneira, é necessário realizar uma ampla e cuidadosa avaliação para determinar as motivações subjacentes e distinguir entre marcação de território e eliminação inapropriada (BEAVER, 2003). O uso de ferramentas, como questionários, linha do tempo, plantas da casa e observação do comportamento podem aumentar a eficiência da coleta de informações (HEATH, 2019).

A marcação representa o uso de urina e/ou fezes como ferramenta de comunicação. Funciona para informar aos outros gatos quanto ao sexo, a condição sexual e algumas emoções (preocupação ou ansiedade) do gato que reclama o território. Além disso, minimiza o risco de indivíduos desconhecidos entrarem em contato, provocando um confronto potencial (BOWEN; HEATH, 2005). Embora muitas vezes considerado um comportamento de animais inteiros, os animais castrados podem marcar dentro da casa como uma resposta territorial à presença de gatos externos; dessa forma, por mais que a castração seja eficaz na redução das marcações, fatores ambientais influenciam para perpetuação do comportamento mesmo após a gonadectomia (CALIXTO; JUSTEN, 2007).

A eliminação inapropriada é associada a uma variedade de causas que levam à deposição fisiológica de urina e/ou fezes em locais inaceitáveis do ponto de vista humano, desta maneira, o termo eliminação inapropriada não é adequado, pois é, na verdade, uma resposta fisiológica à bexiga ou ao intestino cheio, sendo mais correto a terminologia eliminação inaceitável (HEATH, 2019).

Em ambos comportamentos, a eliminação de urina é mais comum do que a de fezes. Porém, o risco de ocorrer eliminação de fezes em casos que também envolvem eliminação de urina é cinco vezes maior quando comparados a casos de marcação (BARCELOS et al., 2018).

Em um estudo realizado por Barcelos et al (2018), foi visto que, ao fazer a diferenciação entre marcação e eliminação, não se deve confiar em indicadores isolados, mas sim, associá-los e analisá-los em conjunto. Embora alguns critérios analisados no estudo de Barcelos et al (2018) sejam mais fidedignos que outros (como urinar na vertical sendo associado à marcação), o estudo não encontrou altos níveis de especificidade e sensibilidade em características como a tentativa de cobrir a área suja ou o volume de urina depositada. Ou seja, a marcação pode ter como alvos superfícies horizontais, bem como ser ligada também às fezes e à urina sem borrifo (CALIXTO; JUSTEN, 2007). Se considerar que grandes volumes estão associados ao comportamento de eliminação e não de marcação, 36% dos casos relacionados a eliminação seriam ignorados (BARCELOS et al, 2018).

Mesmo com essa discrepância, existem fatores de podem contribuir para ambos os comportamentos, por exemplo: número de gatos na residência e a relação entre eles; mudanças

na rotina (aquisição de novos animais, nascimento de uma criança, mudança de móveis, mudança de residência, viagens) que podem causar frustração, estresse ou angústia; intrusão visual de gatos externos (ameaça ao território) (HEATH, 2019).

O não atendimento das necessidades em relação à caixa sanitária é fator relevante para todos os comportamentos de eliminação, dessa maneira, é de extrema importância fazer considerações como: o local onde se encontram (deve estar longe das vasilhas de água/comida e locais de repouso, exceto em situações que envolvem gatos idosos ou pacientes com dor); o número, estilo, material e regime de limpeza (deve ser ideal no ponto de vista do gato e de acordo com suas necessidades específicas) (HEATH, 2019).

Porém, antes de determinar qualquer fator ambiental ou comportamental, deve-se investigar possíveis problemas de saúde física como uma prioridade, sendo imprescindível a necessidade de exames clínicos e testes laboratoriais para um correto diagnóstico. Entretanto, a descoberta de problemas de saúde não indica que essencialmente esta seja a causa da eliminação, sendo necessário sempre investigar o envolvimento de fatores ambientais, sociais e físicos (HEATH, 2019).

2.4.3 Arranhadura de móveis

Secreções advindas de glândulas ao redor da boca, mento, laterais das têmporas, flancos, área perianal e base da cauda determinam o cheiro específico de cada gato. Além disso, os gatos também têm glândulas nas patas, que depositam feromônios durante o processo de arranhar (BEAVER, 2003, BOWEN; HEATH, 2005). A arranhadura tem como funções remover as camadas superficiais da unha e afiá-las, remover a bainha externa da unha, exercitar os músculos dos membros torácicos e da coluna e promover alongamento (WILSON et al., 2015). Ou seja, arranhar é um comportamento normal e benéfico para gatos (RODAN; SPARKES, 2015).

Uma vez que estudos indicam a arranhadura em móveis como o distúrbio de comportamento mais frequentemente relatado pelos tutores, este pode ser um fator que contribua para o abandono do animal (PAZ; MACHADO; COSTA, 2017). Em vista disso, é importante instruir os tutores que arranhar faz parte do comportamento normal do gato, e que pode (e deve) ser direcionado para locais adequados, pois a privação de arranhar itens apropriados pode resultar no ato destrutivo de itens que os tutores não tolerem (RODAN; SPARKES, 2015).

Fatores externos podem contribuir para este comportamento, como por exemplo, a tensão social entre gatos antagonistas que vivem na mesma casa, aumentando comportamentos

de marcação. Dessa maneira, mesmo gatos que foram onietomizados podem estabelecer outros comportamentos de marcação (DEPORTER; ELZERMAN, 2019). Igualmente, a utilização de superfícies aversivas em objetos não reduz o comportamento, apenas modifica o local de preferência (WILSON et al., 2015). Estas informações permitem a compressão de que táticas que resultam em medo, evasão e ansiedade não afetam a frequência de arranhões inadequados exibidos pelo gato, mas podem levar a uma exacerbação da arranhadura ou de outros comportamentos considerados inadequados pelos tutores (WILSON et al., 2015).

A prevenção desse comportamento é fácil se for providenciado um local apropriado para o gato afiar as unhas, bem como se o animal for direcionado corretamente desde filhote (BEAVER, 2003). Cada gato tem uma preferência pela posição (horizontal ou vertical) e material (madeira, sisal, papelão e superfícies cobertas por tecido) do objeto que elegem arranhar, dessa maneira, é importante que o arranhador fornecido pelo tutor se encaixe nestas características (DEPORTER; ELZERMAN, 2019). A localização também é muito importante, portanto, as opções de arranhador devem ser colocadas nos locais onde os gatos mais gostem de ficar - áreas de dormir, locais de demarcação de território (perto de janelas e portas) - e nas áreas em que o gato já arranhou outros objetos (BEAVER, 2003). Além disso, o ato de recompensar o gato (com comida, elogios) também corrobora para que os animais usem o local correto (WILSON, 2015).

O comportamento de arranhadura diminui com a idade, este fato pode estar relacionado com a possibilidade de que animais mais velhos sofram de condições médicas que os limitem de alguma maneira e, ainda, estão mais estabelecidos nas suas casas, diminuindo a necessidade de marcar o território (DEPORTER; ELZERMAN, 2019). Mesmo sendo associado a um comportamento de marcação, o fato do animal ser castrado ou não, não demonstrou ter alguma influência (WILSON et al., 2015). A fonte de origem do animal pode influenciar neste comportamento: os tutores de animais obtidos de um criador foram os que menos relataram episódios de arranhadura. Por outro lado, os gatos obtidos de abrigos ou resgatados exibem significativamente mais arranhadura em locais inapropriados. Isso sugere que o ambiente pode exercer um impacto negativo ou positivo na prevalência de comportamentos de marcação (WILSON et al., 2015).

2.4.5 Vocalização excessiva

Em relação aos sons que o gato produz, somente o miado e o miado longo são comunicações sociais frequentemente direcionadas aos seres humanos. Dessa maneira,

dependem de uma variedade de respostas específicas a circunstâncias motivacionais ou comportamentais (LEY; SEKSEL, 2015).

Pode ser um comportamento mais observável pelos tutores à noite, bem como uma resposta comportamental ao frio e à fome. É um comportamento normal de gatas no cio e de Siameses, bem como de gatos mais velhos com menor habilidade de percepção e locomoção. Pode também estar associada a uma mudança drástica na rotina do gato, e da privação do acesso ao exterior de gatos que antes eram acostumados a ir à rua (BEAVER, 2003).

É importante excluir doenças relacionadas a este comportamento, como hipertireoidismo, disfunção cognitiva, síndrome da hiperestesia felina e qualquer outra condição que provoque dor, sendo estes os primeiros fatores que devem ser investigados (SEKSEL, 2015). Além disso, deve-se considerar também o envolvimento de transtornos de ansiedade (MACHADO; SANT`ANNA, 2017).

A vocalização excessiva pode ser um comportamento aprendido pelo gato para obter atenção do tutor. Desta maneira, é importante eliminar o reforço que mantém esta atitude, não atendendo a chamados persistentes deferidos pelo gato, pois pode se tornar um comportamento difícil de extinguir (BEAVER, 2003).

Para minimizar ou controlar este comportamento, o manejo correto em relação ao animal é peça chave, como por exemplo, estabelecer uma rotina previsível e regular de alimentação e brincadeiras. Os problemas clínicos concomitantes ou subjacentes devem ser tratados e, nos casos de ansiedade intensa, o tratamento também pode envolver medicação (SEKSEL, 2015).

2.5 Principais questões dos tutores relacionadas a abandono

É de extrema importância entender as razões pelas quais um grande número de gatos é abandonado a cada ano, pois além de ser um importante problema de saúde pública, é também, um grave problema de bem estar animal (CASEY et al., 2009; CARDOSO, 2013). Entender os motivos que levam os tutores destes animais a abandoná-los, pode ser um fator relevante para controlar esta situação (SCARLETT et al., 1999).

Acontecimentos pessoais na vida do tutor como gravidez, divórcio, mudança de residência, problemas financeiros e alergias de algum membro da família são fatores que contribuem para a ocorrência do abandono. Criar expectativas sobre a presença do gato na casa e não se informar a respeito do comportamento natural da espécie, colaboram para que haja a frustração do tutor, que por insatisfação, pode abandonar o animal (PAIXÃO; MACHADO, 2015).

2.5.1 Perfil dos tutores

Segundo dados encontrados por New et al. (2000), homens abandonam mais seus animais. Este fato pode estar atrelado com que, em grande parte, são as mulheres as responsáveis pela manutenção e pelos cuidados dos animais de companhia da família (CARDOSO, 2013).

A escolaridade dos tutores mais observada foi até o ensino médio, porém este fato pode estar relacionado com a localização onde foi realizado os estudos. Por exemplo, a proximidade às universidades/faculdades atinge uma população participante diferente da de abrigos em comunidades carentes (NEW et al., 1999). Salman et al (1998) acrescenta que aqueles que atingiram os níveis de ensino além do ensino médio podem estar mais dispostos e menos intimidados a participar de uma entrevista. Além disso, a formação acadêmica pode estimular o conhecimento e respeito pelos animais, impedindo que estes sejam descartados de qualquer forma (CARDOSO, 2013).

No nível mais baixo de rendimento está a maior parte dos tutores entrevistados. Ou seja, quanto menor a renda, maior o risco do tutor abandonar o animal. Por isso, programas de educação sobre a tutela responsável devem ser realizados através de órgãos públicos, por profissionais das áreas da saúde e social, de modo a sensibilizar a população em geral (SALMAN et al. 1998; SCARLETT et al., 1999; D'ANDRETTA, 2012; CARDOSO, 2013).

2.5.2 Motivos para abandono

Fatores externos, muitas vezes fora do controle das pessoas, frequentemente são relatados como motivos de abandono. Embora a maioria dos tutores indiquem motivos pessoais e de saúde como razões para o abandono, 17% das pessoas que abandonaram o seu animal devido a esses motivos ainda tinham outros animais em casa (SCARLETT et al., 1999).

Mudança para uma nova acomodação, onde animais de estimação não são permitidos, é um dos principais motivos para abandono encontrados em diversos trabalhos (SCARLETT et al., 1999; NEW et al., 2000; ROCHLITZ, 2005). Salman et al. (1998) explica que este fator pode estar relacionado com a idade dos tutores, pois as maiores taxas de mudança de endereço estão entre os adultos na faixa dos 20 anos (que é também a faixa etária mais encontrada dos tutores que abandonam seus animais). E adiciona que as taxas de mudança diminuem à medida que a idade aumenta, o que corrobora com este achado.

Além da mudança de endereço, a alergia de algum membro da família é um dos principais motivos para o tutor abrir mão do seu animal (SCARLETT et al, 1999; NEW et al.,

2000; ROCHLITZ, 2005; CARDOSO, 2013). Uma vez que grande parte destas pessoas não fazem o teste para saber a origem da alergia, e que 10,6% destes tutores continuam a ter outros animais em casa, Casey et al (2009) relata que as equipes de abrigos acreditam que a alta proporção de abandonos por esta razão é na verdade uma desculpa usada pelos tutores para não revelar razões pessoais. Ou ainda, que parte destes tutores que realmente exibem sintomas alérgicos foram encorajados pelos médicos a eliminarem possíveis desencadeadores (como animais de estimação) na tentativa de aliviar os sintomas antes de iniciar exames mais caros (Scarlett et al., 1999).

A morte e/ou doença do tutor também é uma razão frequente (SCARLETT et al.,1999; ROCHLITZ,2005). Uma vez que o principal responsável pelo animal vem a óbito, diversos animais que antes eram domiciliados, acabam por ser deixados à própria sorte, algumas vezes por não ser do interesse dos familiares, ou ainda, por não tem nenhuma outra pessoa que possa tomar esta responsabilidade.

A gravidez e o nascimento de um bebê aparecem como fatores que contribuem para o abandono (SCARLETT et al.,1999). Isso pode ser explicado uma vez que muitas pessoas relacionam o risco de contrair toxoplasmose durante a gravidez com o fato de ter contato com um gato. Porém, as chances de infecção por convivência com o animal são quase nulas, sendo que apenas o contato com gatos não causa a doença. O perigo está no contato com as fezes contaminadas do felino e no consumo de água contaminada e alimentos mal lavados ou mal cozidos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019).

Problemas financeiros são também apontados como um dos motivos de abandono. Este fato pode estar ligado com os gastos mensais que envolvem ter um animal de estimação. Em uma situação de crise econômica, muitas pessoas acabam por abandonar seus animais e, dessa maneira, direcionar os gastos para o que consideram como prioridade (ROCHLITZ, 2005; CARDOSO, 2013).

Os tutores que se envolvem mais com os cuidados do animal - levando com mais frequência a consultas com o Médico Veterinário, fazendo vacinas, castração - abandonam menos seus animais (SALMAN et al., 1998; D'ANDRETTA, 2010).

Em período de férias, o índice de abandono aumenta, pois diversas pessoas deixam o local onde moram para ir viajar e, por não saber o que fazer com os animais de estimação, acabam os abandonando (SCARLETT et al., 1999; SEGÚ et al, 2010).

Patronek (1996) encontrou fatores ligados a expectativas criadas em relação ao animal (como por exemplo, o papel do gato na família) e a falta de informações prévias sobre a espécie como fatores altamente relevantes para o tutor abandonar seu animal. A falta de conhecimento

sobre a espécie pode contribuir para criar expectativas irreais, bem como proporciona a execução de ações inadequadas dos tutores na tentativa de resolver um comportamento problemático (NEW et al., 2000). Por exemplo, em torno de 50% dos tutores admitiram não saber com que frequência uma gata entra no cio, ou que seria melhor para a fêmea ter uma ninhada antes de ser castrada (NEW et al., 2000). Da mesma maneira, 58% das pessoas entrevistadas por Salman et al. (1998), acreditavam que os animais se comportam mal apenas para aborrecer os tutores e 29% das pessoas pensavam que esfregar o nariz do animal na sujeira ajudaria a treiná-lo.

Segundo Cardoso (2013), é comum os animais serem abandonados em grande número por padecerem de doenças diversas, estando gravemente feridos ou com idade avançada, desta maneira, as doenças dos animais estão entre uma das quatro principais razões de abandono no seu estudo. Relata também que o fato da população acreditar que os gatos precisam de menos cuidados médico-veterinários do que os cães, pode ser um dos motivos dos cães serem abandonados em maior número.

Por fazerem parte da vida dos seres humanos, quando ocorre o divórcio, os animais de estimação são também atingidos pelas mudanças resultantes deste novo contexto familiar (SCARLETT et al., 1999; CARDOSO, 2013). Atualmente, o Projeto de Lei 62/19 pretende regulamentar a tutela dos animais de estimação em casos de divórcio. Assim, a Lei evitará o abandono depois da separação, pois direciona com quem o animal poderá ficar depois do término do relacionamento (MACHADO, 2019).

Os entrevistados relataram também que tinham muitos animais na casa, que enjoaram de ter o animal, que não tem disponibilidade de tempo e ainda, alegam ter ganhado um animal de estimação como presente indesejado. Estes fatores estão fortemente associados com o fato de que muitas vezes, a adoção foi realizada num momento de impulso, não considerando as necessidades reais que envolvem a posse de um animal (SCARLETT et al., 1999; ANDERSSON, 2009).

3 CONCLUSÃO

Com o passar dos anos, os laços afetivos entre humanos e animais evoluiu de tal maneira que hoje os animais são considerados como membros da família. Dentro deste contexto, as leis também foram modificadas para atender as necessidades desta nova apresentação familiar, tratando hoje os animais como seres e não objetos. Mesmo dentro deste novo panorama, as leis de proteção animal são pouco efetivas, com penalidade branda, e o abandono continua sendo uma realidade comum com a qual nos deparamos diariamente. Sendo assim, se faz necessário procurar por soluções que mudem esta situação alarmante, tanto do ponto de vista de saúde pública e, não menos importante, do bem estar animal.

Para compreender melhor a situação, averiguar diretamente com os tutores os motivos pelos quais abandonam seus animais pode ser uma ferramenta bastante efetiva. Porém, como no Brasil grande parte dos abandonos ocorrem na rua, o acesso aos tutores praticamente não existe. Em diversos estudos fora do país, onde os pesquisadores tiveram acesso aos tutores, pode-se traçar o perfil (dos animais e das pessoas) e os motivos que levam a desistência dos animais.

Um dos principais motivos relatados são eventos ou circunstâncias corriqueiras da vida. Em vista disso, pode-se deduzir que muitos tutores não levaram em consideração as questões que envolvem ter um animal (como espaço, renda familiar, disponibilidade de tempo, mudanças de residência e de emprego, questões de saúde, divórcios, nascimentos e mortes) no momento da adoção. Mesmo que muitas vezes estes fatores não estejam no controle das pessoas, o aconselhamento e educação da população pode ser uma estratégia para ajudar a evitar esta situação.

O outro motivo que é apontado pelos tutores é o desenvolvimento de distúrbios de comportamento. Estes, do ponto de vista de grande parte deles, são comportamentos inaceitáveis e acabam quebrando o laço afetivo entre ele e seu animal de estimação. No caso dos gatos, para diferenciar o que é um comportamento normal de um comportamento problemático, é preciso entender as particularidades e necessidades de espécie felina, pois muitos destes comportamentos fazem, na verdade, parte da natureza dos gatos. Muitos tutores tem expectativas errôneas em relação ao seu gato por querer compará-lo com o comportamento de um cão, por exemplo. Ou ainda, nunca buscaram se informar sobre comportamento felino. Porém, alguns tutores que buscam auxílio, por vezes, são orientados de maneira incorreta, e este fator ressalta a importância do Médico Veterinário também instruir-se sobre os cuidados específicos em relação a espécie, e assim, poder orientar corretamente os tutores, evitando que muitos animais acabem fazendo parte desta triste estatística.

REFERÊNCIAS

- ALVES, A.J.S. et al. Abandono de cães na América Latina: revisão de literatura. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 11, p. 34 – 41, 2013.
- AMAT, M., et al. Potential risk factors associated with feline behavior problems. **Applied Animal Behaviour Science**, v.121, p. 134-139, 2009.
- AMAT, M.; MANTECA, X. Owner-directed aggression. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v.21, p. 245–255, 2019.
- ATKINSON, T. **Practical Feline Behaviour Understanding Cat Behaviour and Improving Welfare**. Boston: Cabi, 2018.
- BAIN, M.; STELOW, E. Feline Aggression toward Family Members: A Guide for Practitioners. **Small Animal Infectious Disease**, Liverpool, v. 44, p. 581–597, 2014.
- BARCELOS, A.M, et al. Common risk factors for urinary house soiling (periuria) in cats and its differentiation: the sensitivity and specificity of common diagnostic signs. **Frontiers in Veterinary Science**, v.5, p. 1 – 12, 2018.
- BEAVER, B. V. **Feline Behavior**. 2. ed. London: Saunders, 2003.
- BOWEN, J.; HEATH, S. **Behaviour Problems in Small Animals**. 1. ed. China: Elsevier, 2005.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Toxoplasmose: sintomas, tratamento e como prevenir**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2019. Disponível em: <http://saude.gov.br/saude-de-a-z/toxoplasmose>. Acesso em: 12 nov. 2019.
- BRASIL. Presidência da República. Lei nº 9.605 de 12 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 31, 13 fev. 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm. Acesso em: 10 out. 2019.
- CALIXTO R.; JUSTEN H. Avaliação do efeito da castração e de variáveis ambientais sobre a marcação por urina e fezes em gatos (*Felis catus*). **Acta Scientiae Veterinariae**. v.35, p. 145-152, 2007.

CARDOSO, S. P. D. **Causas de renúncia de cães e gatos nos concelhos de Cascais e Sintra**. 2013. 88 f. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária) -Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2013.

CASEY, R.A, et al. Reasons for Relinquishment and Return of Domestic Cats (*Felis Silvestris Catus*) to Rescue Shelters in the UK. **Anthrozoös**, v.22, p.347-358, 2009.

D'ANDRETTA, J. P. M. **Análise de fatores que contribuíram para a guarda responsável ou abandono de cães e gatos em área de São Paulo/SP**. 2012. 108f. Dissertação (Mestrado em Epidemiologia Experimental Aplicada às Zoonoses) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

DEPORTER, T. L.; ELZERMAN, A.L. Destructive scratching. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v.21, p.235–243, 2019.

FATJÓ J., et al. The epidemiologic of behavior problems in dogs and cats: a survey of veterinary practitioners. **Animal Welfare**, v.15, p.179-185, 2006.

HEATH, S. Unacceptable indoor elimination. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v.21, p.199–208, 2019.

LANDSBERG, G; LEY, J.M; Desenvolvimento do Filhote. In: LITTLE, S. E. **O Gato Medicina Interna**. 1. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015. v.1, cap.9, p.170-181

LEY, J.M; SEKSEL, K. Comportamento normal de gatos. In: LITTLE, S. E. **O Gato Medicina Interna**. 1. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015. v.1, cap.10, p.182-190

MACHADO, D.S.; SANT'ANNA, A.C. Síndrome de Ansiedade por Separação em Animais de Companhia: Uma Revisão. **Revista Brasileira de Zootecias**, v.18, p.159-186, 2017.

MACHADO, Ralph. Proposta estabelece regras para guarda de animal em caso de divórcio. Câmara dos deputados, Brasília, 19 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/552146-proposta-estabelece-regras-para-guarda-de-animal-em-caso-de-divorcio/>. Acesso em: 08 de outubro de 2019.

NEW, J. C., JR. et al. Moving: Characteristics of dogs and cats and those relinquishing them to 12 U.S. animal shelters. **Journal of Applied Animal Welfare Science**, v.2, p.83–96, 1999.

NEW, J.C., JR. et al. Characteristics of shelter-relinquished animals and their owners compared with animals and their owners in U.S. pet-owning households. **Journal of Applied Animal Welfare Science**, v.3, p.179–200, 2000.

OVERALL, K.L. et al. Feline behavior guidelines from the American Association of Feline Practitioners. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v.227, p.70-84, 2005.

PAIXÃO, R.L; MACHADO, J.C. Connections between domestic cat behavior and abuse cases, abandonment and not adopting. **Revista Brasileira de Direito Animal**. v.10, p.137-168, 2015.

PATRONEK, G. J., et al. Risk factors for relinquishment of cats to an animal shelter. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v.209, p.582–588, 1996.

PAZ, J.E.G.; MACHADO, G.; COSTA, F.V.A. Fatores relacionados a problemas de comportamento em gatos. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, Rio de Janeiro, v.37, n.11, p.1336-1340, 2017.

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Lei Complementar nº 694, de 21 de maio de 2012. Consolida a legislação sobre a criação, comércio, exibição, circulação e políticas de proteção de animais no município de Porto Alegre e revoga a legislação sobre o tema. **Diário Oficial de Porto Alegre**, Porto Alegre, 25 maio 2012. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/porto-alegre/lei-complementar/2012/69/694/lei-complementar-n-694-2012-consolida-a-legislacao-sobre-criacao-comercio-exibicao-circulacao-e-politicas-de-protecao-de-animais-no-municipio-de-porto-alegre-e-revoga-legislacao-sobre-o-tema>. Acesso em: 10 out. 2019.

RAMOS, D. Aggression in multi-cat households. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v.21, p.221–233, 2019.

ROCHLITZ, I. A review of the housing requirements of domestic cats (*Felis silvestris catus*) kept in the home. **Applied Animal Behaviour Science**, v.93, p.97–109, 2000.

RODAN, I. Compreensão e manuseio amistoso dos gatos - I. In: LITTLE, S. E. **O Gato Medicina Interna**. 1. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015. v.1, cap.1, p.2-18.

RODAN, I; SPARKES, A.H. Cuidados Preventivos de Saúde em Gatos. In: LITTLE, S. E. **O Gato Medicina Interna**. 1. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015. v.1, cap.8, p.127-169.

SALMAN, M. D., et al. Human and animal factors related to the relinquishment of dogs and cats in 12 selected animal shelters in the U.S.A. **Journal of Applied Animal Welfare Science**, v.1, p.207–226, 1998.

SCARLETT, J. M., et al. Reasons for relinquishment of companion animals in U.S. animal shelters: Selected health and personal issues. **Journal of Applied Animal Welfare Science**, v.2, p.41–57, 1999.

SEKSEL, K. Problemas Comportamentais. In: LITTLE, S. E. **O Gato Medicina Interna**. 1. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015. v.1, cap.13, p.284-303.

SOUZA-DANTAS L.M., et al. Epidemiology of domestic cat behavioral and welfare issues: a survey of Brazilian referral animal hospitals in 2009. **The International Journal of Applied Research in Veterinary Medicine**, v.7, p.130-137, 2009.

WILSON, C., et al. Owner observations regarding cat scratching behavior: an internet-based survey. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v.18. p.791-797, 2015.